

## O EDUCADOR DA ESCOLA PÚBLICA CONTEMPORÂNEA COMO MEDIADOR DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATITUDES LEITORAS

Débora Júlia Pereira Rocha<sup>1</sup>

**RESUMO:** *A proposta desta pesquisa é analisar o perfil leitor do educador contemporâneo e sua influência no hábito leitor do educando da escola pública na cidade de Salvador – Bahia – Brasil, a partir da identificação e compreensão hermenêutica da dialética relação entre educador, leitura e educando. Destaca também os novos desafios impostos pela sociedade da informação, que exige do sujeito leitor rapidez e seletividade, por meio de uma proposta metodológica qualitativa, com uma abordagem dialética fenomenológica, utilizando como técnica para coleta de dados a observação, entrevista semi-estruturada.*

**Palavras-chave:** Educador; Leitura; Educando.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada no ano de 2003, com educadores da escola pública, localizada em um bairro popular da cidade de Salvador-Bahia e apresentado como monografia para obtenção do título de especialização em Literatura Brasileira, pela Universidade Católica do Salvador.

Foram entrevistadas 07 professoras dos três turnos, as quais tiveram a denominação de E (Educador), na seguinte ordem: E1 – Professora de Inglês; E2 – Professora de Matemática; E3- Professora de Ciências; E4 – Professora de Língua Portuguesa; E5 -Professora de Matemática; E6 – Professora de História e Geografia; E7 – Professora de Educação Física, que responderam a uma entrevista contendo 24 perguntas relacionadas à leitura e à escola. A maioria das entrevistadas demonstrou plena consciência de sua importância como orientadoras de leitores bem como apresentaram as mais variadas concepções de leitura. Entretanto, algumas relacionam o ler a atividades puramente didáticas, demonstrando que seu relacionamento com o ato de ler se reflete em sua prática pedagógica.

Muitos são os que professam que a iniciação à leitura necessita de uma espécie de madrinha ou padrinho, que muitas vezes é alguém da própria família. Entretanto, reconhecem ser a escola que tem o dever de proporcionar essa iniciação, mesmo sob a expressão “*escolarização da leitura*” de modo depreciativo, o que constata que a relação educador, leitura e educando tem suas dificuldades. Entre estas está o ajustar-se aos paradigmas escolares. Educadores reconhecem que a escola não está “fazendo seu papel bem.... infelizmente não está desenvolvendo seu papel como deveria. Os recursos que a escola tem, ‘n’ recursos ainda não está o suficiente para abarcar esse trabalho.”<sup>2</sup>. Esta foi a resposta que o educador proferiu ao ser questionado se a escola desempenha papel importante ao estímulo da leitura e como poderia fazê-lo.

As professoras entrevistadas têm a mais variada concepção de leitura, desde a leitura da palavra, cujo protagonista é o livro, proporcionando a aquisição de conhecimento até a leitura como produção de sentido, podendo ser esta protagonizada por imagens ou sinais. E assim, ao serem questionadas sobre o que entendiam por leitura, disseram:

<sup>1</sup> Especialista em Literatura Brasileira (UCSal), sob orientação da professora Maria Nazaré Mota de Lima; Licenciada em Letras Vernáculas com Inglês (UCSal); Professora da Rede Estadual de Educação. [acdr01@ig.com.br](mailto:acdr01@ig.com.br)

<sup>2</sup> Fala do Educador E7, respondendo a 12ª pergunta da entrevista.

(...) Bem, eu acho que a leitura é a única coisa que pode engrandecer seu conhecimento e a leitura. Eu descarto...não sei... ate, eu posso ser ate cafona, descarto computador, descarto televisão. A única coisa que pode realmente dar pra pessoa o verdadeiro conhecimento de aprender, de saber, de ser assim...ate um erudito, um intelectual e justamente a leitura. Não existe outra coisa igual. Porque com a leitura você pode (...) organiza o pensamento, você vê imagens, né? Então da pra você pensar, raciocinar.(...)<sup>3</sup>

(...) Acredito em primeiro lugar em aquisição de conhecimento, lazer, divertimento.(...)<sup>4</sup>

(...) Todas as características de uma coisa , de um lugar ou de uma imagem. De qualquer coisa que a gente possa trabalhar isso. Ler é a gente poder utilizar a visão. Eu vou ver naquela imagem o que poderia estar len... eu vou ler mesmo. Vou fazer uma análise de um lugar, de uma coisa, de qualquer... de uma situação.(...)<sup>5</sup>

(...)Bom, leitura para mim é você se dedicar a uma mensagem, porque leitura não precisa ser, necessariamente, um livro. Você pode desenvolver leitura de um poema, de um texto crítico moderno. Você pode fazer a leitura também de um quadro. Acho que a arte... através da arte você... a gente desenvolve a leitura também. A leitura de um trabalho de dança. Uma leitura não precisa ser um texto escrito. Mas pode ser a leitura visual. Uma leitura didática. Eu posso assistir uma aula de algum colega meu e ter uma leitura daquela aula. Então, leitura é tudo que lhe dar prazer em fazer e lhe dá alguma mensagem (...)<sup>6</sup>

A leitura, como fenômeno historicamente delimitado – o acesso a esta sempre foi restrito, vem se revelando como um elemento de poder que podia – e pode, ameaçar minorias controladoras dos livros, do conhecimento, do saber, das informações. Isto porque a reflexão e o pensar são diferentes possibilidades desencadeadas por ele. O escritor argentino Jorge Luís Borges escreve:

*“Dos instrumentos do homem, o livro é, sem dúvida, o mais assombroso. Os demais são extensões do corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone e extensão de sua voz, depois temos o arado e espada, extensões do seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro e extensão da memória e da imaginação”.* (Revista ISTO É.Edição 360).

Muitas pessoas falam do prazer da leitura, entretanto às vezes o que percebemos é certa confusão entre o divertido, engraçado e emocionante, como forma de entretenimento denotando uma certa superficialidade. Contrária a esta concepção, está a autora Ana Maria Machado, cuja relação com a leitura se iniciou na infância, tendo o pai como “padrinho”, para quem um livro pode proporcionar alegria e satisfação que estão longe do evidente e superficial, pois

Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém em outro contexto e são fictícias, nos permite um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências.” (Machado, 2002, p.20).

<sup>3</sup> Fala do Educador E1, respondendo a 2ª pergunta da entrevista.

<sup>4</sup> Fala do Educador E2, respondendo a 2ª pergunta da entrevista.

<sup>5</sup> Fala do Educador E3, respondendo a 2ª pergunta da entrevista.

<sup>6</sup> Fala do Educador E7, respondendo a 2ª pergunta da entrevista.

Já a escritora Nélide Piñon, primeira mulher a assumir a presidência da Academia Brasileira de Letras (desde 89), diz, em uma entrevista ao Jornal A Tarde de 04/10/2001, ser o ato de ler uma afirmação de dignidade, tendo em vista que a leitura requer um conforto físico que a maioria da população brasileira não tem: espaço – “Você não pode ler em um cubículo onde o que predomina é a TV”; alimentação e água – “Você tem de ter comida, tomado água... Você tem de viver com dignidade.”

Isabel Solé, em seu livro *Estratégias de Leitura*, capítulo 5, diz ser a leitura por prazer uma questão pessoal, só podendo estar sujeita a si mesma. No entanto, apresenta no mesmo capítulo variadas possibilidades de conceber a leitura: ler para obter uma informação de caráter geral, ler para aprender, ler para revisar um escrito próprio, ler para comunicar um texto a um auditório, ler para praticar a leitura em voz alta e ler para verificar o que se compreendeu.

Ruth Rocha diz que “Leitor é aquele que lê bem, que tem pais que lêem, que tem livros em casa. Mas leitor é também aquele que nasceu para ler, que mesmo no meio do mato descobre um livro velho para ler.” (Isto É, 15/08/01).

Harold Bloom, autor do livro *Como e Por que Ler*, chama a leitura de “busca do prazer difícil”, classificando-a de sublime, afirmando ser uma de suas funções a de “nos preparar para uma transformação”, que resultará em uma transformação final, cujo caráter é universal. Ele considera o hábito da leitura como um prazer pessoal, não como prática educativa.

Como bem disse Marisa Lajolo “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive”. Entretanto, devemos considerar que, na maioria das vezes, se aprende a ler livros na escola, porque as outras leituras ficam a cargo da vida; essa leitura de mundo a que se refere Paulo Freire ao afirmar que esta prescinde a leitura da palavra; e assim, somos levados a compreender o ato de ler como algo bem mais significativo que um mero instrumento de prazer.

Sendo o livro um instrumento representativo do conhecimento, saber e informação, não se constitui em uma possibilidade de, através da leitura deste, o indivíduo compreender-se melhor e assim compreender o mundo ao seu redor, promovendo uma convivência mais pacífica da humanidade?

Certamente que, para responder com coerência tal questionamento, é necessário que haja uma compreensão do significado que a leitura tem na vida do indivíduo.

É sabido que organismos internacionais estão, cada vez mais, interessados em buscar soluções para a desigualdade entre as nações, mesmo que este não seja, no fundo, o desejo de seus membros mais ilustres.

A UNESCO, visando identificar os fatores críticos no estabelecimento do hábito da leitura de um povo ou de uma pessoa, encomendou estudos globais <sup>7</sup>, cujo resultado foi distribuído em cinco.

As novas exigências educacionais estão centradas em promover o desenvolvimento integral do ser humano. Mas, como fazer isto? Que ações poderiam ser efetivadas para promover este desenvolvimento? As respostas para estas perguntas, certamente, não estão escritas em um livro determinado, ou talvez nem esteja apenas em livros.

Segundo Ana Maria Machado, aqui no Brasil, o peso da escola como estimuladora da leitura é muito maior que nos países mais desenvolvidos, onde as pessoas lêem mais. Enfatiza que o mestre deve dar o exemplo e despertar a curiosidade dos jovens.

Professoras ouvidas nesta pesquisa, ao serem indagadas se apenas o acesso a livros é suficiente para o educador ampliar se “acervo” leitor, reconhecem que apenas livros não contribuem para que o educador amplie seu acervo como leitor. Sugerem uma série de ações que devem integrar o universo deste profissional, além, é claro, da leitura:

---

<sup>7</sup> Bambergerger, R. Como Incentivar o Hábito da Leitura. Unesco/Cultrix.1997 (Encomendado pela UNESCO). Ver também Suaiden, Emir. *Biblioteca pública e informação à comunidade*. Global 1995.

(...) Eu acho que tem que ter associado a isto (leitura) a prática, a busca, a pesquisa. Ele como profissional tá se reciclando, fazendo novos cursos. Que eu acho que a leitura só não é suficiente. (...)<sup>8</sup>

(...) Acredito em viagens (...)Eu gostaria de levá-los (os estudantes) pra uma viagem (...)<sup>9</sup>

(...) Eu acho que a vivência (...) Você vivenciar o momento, discutir com seus colegas, tá integrado, discutindo os assuntos que você tá fazendo, procurando cada dia melhorar mais, porque se você não botar na prática o que você leu, você não tá crescendo (...) livros, jornais, filmes, teatro. Até mesmo na escola, teatro, fantoche (...) qualquer tipo de informação.(...) <sup>10</sup>

Entretanto, apesar de ter plena consciência da função que desempenha a leitura na formação do cidadão, o educador parece não saber como se desvencilharem do didatismo da leitura, comprovando isto nas respostas dadas ao serem questionados se costumam ler algo em suas classes e, se o fazem, qual o objetivo da leitura:

(...) Leio quando... já que minha aula, meu curso é inglês, geralmente, leio textos, né? E explico os textos. Não costumo fazer tradução. Então textos relacionados com... com a minha disciplina porque não, não há como agente fazer outra coisa. Como ler outras coisas? Porque o tempo é muito curto, né? . Somente, aquele tempinho... É só pra aula mesmo... Então leio mais inglês e passo da leitura... aquela cultura inglesa relacionada com a nossa do Brasil.(...)<sup>11</sup>

(...) Realmente, na classe, eu só leio mesmo o assunto, o conteúdo do que eu to trabalhando. Ultimamente. Até que eu já li algumas outras coisas. Já fiz leitura, mas no momento, leitura só de conteúdo.(...)<sup>12</sup>

(...) Eu leio. Faço a leitura com eles do que tá no livro adotado, no didático. E também me preocupo em dar textos informativos. O que tá dentro da... por exemplo, tem um texto... tem uma semana falando sobre ... a natureza. Então, eu procuro um texto falando sobre a natureza, por causa da ecologia, ... ecológica. Se for dia do negro, eu também me preocupo com uma leitura correspondente ao tema.(...)<sup>13</sup>

(...) Bom. A leitura que tenho feito na sala, geralmente, e direcionada ao assunto. A leitura do livro deles. A gente já pensou em trabalhar um outro tipo de leitura, mas eu tentei a copia de um livro: “O mundo da matemática” de Emília, Monteiro Lobato. Só que eu não consegui o livro. Não consegui a xerox. Só tem um livro pra todos ai... fica muito difícil. A gente vai fazendo o que pode.(...)<sup>14</sup>

Denise Pellegrini, editora especial da revista NOVA ESCOLA, aposta que “Só ensina bem quem sabe”, – título de uma reportagem sua publicada em janeiro de 2002. Nela a editora

<sup>8</sup> Fala do educador E7, respondendo a 16ª pergunta da entrevista.

<sup>9</sup> Fala do educador E3, respondendo a 16ª pergunta

<sup>10</sup> Fala do educador E2, respondendo a 16ª pergunta

<sup>11</sup> Fala do educador E1, respondendo a 4ª pergunta da entrevista.

<sup>12</sup> Fala do educador E2, respondendo a 4ª pergunta da entrevista

<sup>13</sup> Fala do educador E4, respondendo a 4ª pergunta da entrevista.

<sup>14</sup> Fala do educador E5, respondendo a 4ª pergunta da entrevista

nos apresenta uma seleção de competências e meios que possibilitarão ao educador atualizar-se em sua prática pedagógica, pois, segundo ela, não só o estudante tem que desenvolver competências, mas também o educador.

Ainda nesta reportagem, a diretora do Curso Normal Superior do Instituto Singularidade, de São Paulo, Gisela Wajskop, diz que “Quem não adquiriu determinada competência jamais vai conseguir desenvolvê-la nos outros”. Sendo assim, podemos imaginar tamanha responsabilidade que cai sobre os ombros deste profissional cuja trajetória histórica nos demonstra a variedade de valores que as sociedades lhe atribuem de tempos em tempos.

Retomando as competências citadas na reportagem, citarei a primeira que diz “Para ser um bom leitor é preciso ler muito e recorrer a fontes variadas – jornais diários, revistas e livros.”. Para Mirian Celeste Martins, do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São Paulo, ver filmes, peças, shows e espetáculos em cartaz é uma competência a ser desenvolvida pelo professor; além da dica de Ricardo Ribeiro, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Araraquara, interior de São Paulo: ser curioso no que diz respeito a localizar informações, i.e., saber valorizar outras fontes que não a dos livros, revistas, jornais e vídeos, e até mesmo a *Internet*. Ou seja, valorizar também seu entorno como possível leitura a ser realizada.

A escritora Ana Maria Machado, que conquistou o Prêmio Hans Christian Anderson, o Nobel de Literatura infanto-juvenil, em uma entrevista à revista NOVA ESCOLA, em setembro de 2001, diz que uma das principais falhas na formação dos professores é o fato de que na faculdade se aprende muito sobre pedagogia e psicologia e muito pouco sobre arte. E isto, de certa forma, justifica a pouquíssima leitura do docente que para a escritora representa uma situação completamente contraditória, afirmando que “Ninguém contrata um instrutor de natação que não sabe nadar. No entanto, as salas de aula brasileiras estão cheias de gente que, apesar de não ler, tenta ensinar. Como esperar que os alunos se interessem?”. A escritora também enfatiza que muitas iniciativas inovadoras para trabalhar não só a literatura como a arte no geral. “Esbarram na burocracia, no currículo, no horário – que não reserva um espaço para que as crianças leiam.”

Como pessoa bem informada, apresenta-nos uma situação bem inovadora vivida na Inglaterra: um programa que busca incentivar a leitura de forma lógica e sensata. “Num determinado horário, toda a comunidade escolar – do porteiro à diretora – pára o que está fazendo para ler. Cada um escolhe o assunto que quiser, ficção ou não ficção. Quando acaba este tempo, tudo volta ao normal.”, sem que com isto seja feita qualquer atividade posteriormente. O que ocorre é que, de forma espontânea, surgem discussões sobre as histórias lidas, proporcionando uma inevitável desenvoltura no modo de expressar das pessoas.

Sem dúvida alguma, não deixa de ser um exemplo considerável para que nos tornemos uma nação de leitores. Entretanto, se queremos formar uma nação de leitores, é indispensável reconhecer que o educador, assim como o educando, necessita de apoio efetivo que viabilize sua participação ativa neste processo.

Em se tratando do suposto interesse e desinteresse do educando pela leitura, as professoras entrevistadas, ao serem questionadas por que o estudante da escola pública não lê, deram grande ênfase à família, que, segundo elas, vê-se desprovida de meios para que o hábito da leitura seja incentivado:

(...) Eu acho que já vem assim... eu acho que e de berço e já vem assim... lá dos pais, ne?. Pai leitor, mãe leitora. (...) Bem, eu acho que eles não são incentivados talvez pelos pais. Porque, geralmente escola pública, na sua maioria, são alunos caren... são pessoas de famílias pobres, pessoas que são, infelizmente, e desgastadas pelo sistema. Você tem que trabalhar. Os trabalhos não são trabalhos...e Não e aquele

trabalho que se diz entre aspa ...e que você ganha muito dinheiro. Então você tem aquele trabalho que e escravizador onde você ganha pouco. Então como você vai ler. Vai ler o que? Quando? Se seu pai não lê, como vai passar nada para o filho? Tem pai que nem olha o caderno do filho quando chega em casa, ne? Nem olha pra ver se tem alguma coisa ou não. Então, o pai não tem livro em casa, o filho também não tem. E não tem porque o poder aquisitivo dele e muito pouco. E ele não mandaria um filho pra biblioteca andando. Ele teria que mandar o filho com... ter dinheiro de transporte. Mas ele também não tem dinheiro de transporte nem pra trabalhar, imagine pra mandar o filho pra biblioteca? Então e uma realidade assim que tem muito a ver com o sistema mesmo. E fica a desinformação gerando tudo quanto e coisa que a gente vê por ai, ne? (...)<sup>15</sup>

(...) Eu acho que esse desinteresse vem (...) não é uma coisa de hoje (...) é uma questão ate de tradição do brasileiro. O brasileiro pelas condições que nos temos de povo subdesenvolvido nos terminamos achando mesmo que a gente e subdesenvolvido. Que a gente só tem que viver, tá em pé, pra comer, dormir e ver se vai dar, se der, como é que é. Vai pra casa do pai, pra casa dum parente comer. Se essa cultura e uma coisa que já esta no povo brasileiro, como ele vai pensar em livro. Antes ele vai pensar no pão de manhã, no feijão com arroz do meio-dia, no café com pão e na sopa de denoite. Então, ele tá tão voltado pra isso que o nosso povo nem tem como ser motivado (...). Não sabe nem que existe. Quando fala em leitura, Ah, isso é pra professor , isso é pra quem tá fazendo curso de pós- graduação. Acha que é uma coisa assim absurda. O povo não acredita que ele também tem possibilidades, tem condições de ter esses livros, ou emprestado, ou na biblioteca, ou uma doação (...)<sup>16</sup>

Estas mesmas educadoras reconhecerem a importância da escola como incentivadora, promotora do hábito da leitura. Porém, quando questionadas sobre a possibilidade de se envolver em algum movimento de incentivo à leitura na escola em que trabalham, apresentaram as mais variadas desculpas para justificar a não-participação.

Entretanto, independente da disciplina que lecionam, reconhecem que, para estimular a leitura, são necessárias práticas eficazes. Dão até sugestões e têm a clareza de sua importância nesse processo, apesar de, na maioria das vezes, se reconhecerem como agentes não atuantes:

(...) Por enquanto eu não tive participação nenhuma. Inclusive eu nem entrei na biblioteca ainda.(...) Bem... independente da disciplina... Acho que pode falar. Pode tentar contar coisas que leu. Tentar chamar a atenção de algum livro que leu e que foi interessante. E o que a mensagem do livro passou pra vida. (...)<sup>17</sup>

Referindo-se a um determinado projeto de leitura desenvolvido na escola na disciplina de Língua Portuguesa, a professora confessa não ter tido participação direta, mas que este lhe serviu como incentivador para que desenvolvesse outro projeto:

(...) No projeto, efetivamente, não. Me incentivou . Aquele projeto me incentivou a fazer um projeto também em cima daquele, porque eu vi o resultado que teve positivo com os alunos e hoje eu já desenvolvo esse projeto com meus alunos Mas não extensivo a escola E uma coisa que trabalho com meus alunos particularmente.(...)<sup>18</sup>

<sup>15</sup> Fala do educador E1, respondendo a 24ª pergunta.

<sup>16</sup> Fala do educador E1, respondendo a 24ª pergunta.

<sup>17</sup> Fala do educador E1, respondendo a 8ª e 13ª perguntas da entrevista.

<sup>18</sup> Fala do educador E7, respondendo a 7ª pergunta da entrevista.

O educador admite sua influência na formação do hábito de leitores, mas parece não saber que caminho tomar para suprir a falta de apoio do entorno familiar ao ser indagado se há alguma maneira de despertar no estudante o gosto pela leitura:

(...) Pode. Eu acho que pode. Se agente lê algum trecho... Se bem que essa geração de agora tá meio difícil. Você vai pra ler alguma coisa eles não querem. Só querem falar de televisão, de rock, de sexo, etc. Mas... eu acho que se...se as salas tivessem menos alunos e agente pudesse sentar com eles e contar alguma coisa ...e reviver...e, assim... tentar fazer eles visualizar alguma coisa. E perguntar.... E interpretar. Eu acho que despertaria neles o gosto pela leitura. (...)<sup>19</sup>

(...) Há. Eu acho principalmente por... a partir de histórias, historinhas, o conto e até curiosidades mesmo, dos artistas. Mas, principalmente histórias. (...)<sup>20</sup>

(...) E muito difícil pela nossa clientela. A primeira coisa: se o aluno... se o nosso aluno não vem de uma família que ler é difícil. Se a família não tem o hábito da leitura, então ele vai aprender isso aonde? Só na escola? Na escola só é pouco. (...)<sup>21</sup>

## CONCLUSÃO

A importância do professor como orientador de leituras está presente em artigos como o de Anne-Marie Chartier publicado na coletânea do livro *Leitura: práticas, impressos, letramentos*, titulado: *Os futuros professores e a leitura*; também em livros: *Como e porque ler* de Harold Bloom, que em seu prefácio diz: “Não existe apenas um modo de ler bem, mas existe uma razão precípua por que ler. Nos dias de hoje, a informação é facilmente encontrada, mas onde está a sabedoria? Se tivermos sorte, encontraremos um professor que nos oriente, mas, em última análise, vemo-nos sós, seguindo nosso caminho sem mediadores”.

No contexto acima está o ato de ler, podendo ser compreendido como um fenômeno histórico e socialmente constituído, em que a expressão *práticas de leitura* marca mesmo difusamente, os atuais contornos dessa secular habilidade humana, cuja existência histórica está associada à escola, instituição responsável pela aprendizagem.

É mister destacar o Informe para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, cujo sétimo capítulo é dedicado, único e exclusivamente, ao docente, ressaltando sua relevância na preparação de jovens, não só para enfrentarem o futuro com confiança, mas também para construírem, de forma consciente e responsável, este futuro. Assim, pois, surgem questionamentos, produtos de reflexões, primárias ainda, sobre a dialética relação entre educador, leitura e educando, suas relações dentro e fora da escola bem como o grau de importância que o educador atribui à leitura.

Moaci Alves Carneiro diz que “professor despreparado, mal pago e desestimulado, corresponde a ensino desqualificado, escola ‘sem classe’, aprendizagem opaca, enfim, sub-

<sup>19</sup> Fala do educador E1, respondendo a 11ª pergunta da entrevista

<sup>20</sup> Fala do educador E2, respondendo a 11ª pergunta da entrevista.

<sup>21</sup> Fala do educador E4, respondendo a 11ª pergunta da entrevista.

educação” (LDB fácil: leitura crítico compreensiva artigo a artigo, 1997:69). Frei Betto também, em entrevista à revista Nova Escola, edição de dezembro de 2002, reafirma esta crítica de que o professor e seu trabalho deveriam constituir questões estratégicas de qualquer política educacional e enfatiza que “O professor brasileiro é um herói. Ele ganha mal, não tem tempo para pesquisar, é obrigado a dar mais aulas do que deveria para se sustentar e não encontra espaço para desenvolver o protagonismo na disciplina que leciona. Acaba ficando nessa coisa bancária, como dizia o Paulo Freire (...) Os educadores precisam ser reciclados (...)”

Sendo assim, acredito que o sensato seria proporcionar para este profissional que diretamente está envolvido no processo de formação de leitores, o livre acesso aos mais diversos meios culturais, a fim de que possa também desenvolver e potencializar o hábito da leitura para si próprio, garantindo a esse agente incentivador da formação de pretensos leitores sua formação permanente e viabilizando sua ação efetiva como agente transformador e potencializador de atitudes leitoras. Esta pode ser uma das maneiras de, efetivamente, possibilitar ao educador uma melhor reflexão a respeito da dialética relação entre educador-leitura-educando, fazendo com que esta reflexão seja uma prática norteadora do seu fazer pedagógico diário, independente da disciplina que leciona.

## REFERÊNCIAS

- BAMBERGERGER, R. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. Unesco/Cultrix.1997 (Encomendado pela UNESCO). Ver também Suaiden, Emir. *Biblioteca pública e informação à comunidade*. Global 1995.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Traduzido por José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. Editora Vozes. Petrópolis. 1997.
- DELORS, Jacques (org.). Informe a la UNESCO de la Comisión Internacional sobre la educación para el siglo XXI. **La educación encierra un tesoro**. Santillana. Ediciones UNESCO, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 1989.
- Texto obtido no [www.jornalatarde.com.br](http://www.jornalatarde.com.br). **Jovens e escritores**. Jornal A Tarde, Salvador, 25 Out 2001.
- \_\_\_\_\_. **Eu leio, sim**. Jornal A Tarde, 25 Out. 2001.
- \_\_\_\_\_. **Livros de bytes**. Jornal A Tarde, 25 Out. 2001.
- \_\_\_\_\_. **Livros? Tô fora**. Jornal A Tarde, 25 Out. 2001.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

REVISTA NOVA ESCOLA. Setembro/2001.

\_\_\_\_\_. Janeiro. 2002.

\_\_\_\_\_. Dezembro. 2002.

REVISTA ISTO É. Edição 360.

\_\_\_\_\_. 15 de agosto de 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Leitura em crise na escola: alternativas metodológicas**. 11ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.